

PERCEPÇÃO DOS HOMENS SOBRE O PROCESSO DE ABORTAMENTO*

PERCEPTION OF MEN ON THE ABORTION PROCESS

LA PERCEPCIÓN DE LOS HOMBRES EN EL PROCESO DE ABORTO

Larissa Correia Nunes Dantas¹, Normélia Maria Freire Diniz², Telmara Menezes Couto³

Estudo descritivo e qualitativo, realizado em uma maternidade pública de Salvador-BA, cujo objetivo foi analisar a percepção de homens sobre aborto provocado. Foram entrevistados quatro homens, companheiros de mulheres que provocaram aborto, que compareceram à maternidade no momento da alta de suas companheiras, em janeiro/2009. Utilizou-se como instrumento de coleta a entrevista semiestruturada. Os dados foram organizados de acordo com a análise temática. Constatou-se que os homens percebiam o aborto como crime, diante de Deus e das leis; conheciam o misoprostol, porém desconheciam o processo e ignoravam as suas consequências para a mulher. A decisão pelo aborto foi exclusiva da mulher: os homens não tomavam parte nisso. Entretanto, eles relataram sentimentos ambivalentes decorrentes dessa vivência, explicando a decisão com base em motivos principalmente financeiros. Recomendam-se elementos de acolhimento para homens e a implantação de políticas públicas de saúde reprodutiva em uma ação compartilhada entre homens e mulheres.

Descritores: Aborto Induzido; Reprodução; Misoprostol; Enfermagem.

This is a descriptive, qualitative study, carried out in a public maternity hospital in Salvador (BA). It aimed to analyze men's perception of abortion. Four men, mates of women who had had abortions and been to the hospital as their mates were being discharged, were interviewed on January 2009. The semi-structured interview was used as a data collection instrument and was organized based on thematic analysis. The results were as follows: men see abortion as a crime, before God and before men. They knew misoprostol, although, they ignore this process and its consequences to women. The decision for abortion is up to women: men don't take part in it. However, they express ambivalent feelings resulting on that experience, explaining this decision as a matter of financial problems. Welcoming elements are recommended to men and the implementation of public policies of healthy reproduction, in a sharing action between men and women.

Descriptors: Abortion, Induced ; Reproduction; Misoprostol; Nursing.

Estudio descriptivo- cualitativo, realizado en una maternidad pública de Salvador-BA, para analizar la percepción de los hombres sobre aborto provocado. Fueron entrevistados cuatro hombres, compañeros de mujeres que provocaron aborto, que comparecieron a la maternidad cuando sus compañeras recibieron alta del hospital, en enero/2009. Se usó como instrumento de recogida de datos la entrevista semiestructurada. Los datos fueron organizados de acuerdo con el análisis temático. Se constató que los hombres percibían el aborto como un crimen, delante de Dios y de las leyes; conocían el misoprostol, pero desconocían el proceso y sus consecuencias para la mujer. El aborto fue decisión exclusiva de la mujer, sin participación del hombre. Sin embargo, ellos relataron sentimientos ambivalentes decurrentes de esa experiencia, explicando esa decisión basada principalmente en motivos financieros. Se recomiendan elementos de acogida para hombres e implementación de políticas públicas de salud reproductiva en una acción compartida entre hombres y mujeres.

Descriptores: Aborto Inducido; Reproducción; Misoprostol; Enfermería.

* Artigo original construído a partir dos resultados de uma Pesquisa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2008.

¹ Psicóloga pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Participou da pesquisa no Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq. Brasil. E-mail: lari_cnd@yahoo.com.br

² Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo. Orientadora da pesquisa. Professora Adjunto da EEUFBA. Líder do Grupo de pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida. Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher – GEM/EEUFBA. Brasil. E-mail: normeliadiniz@gmail.com

³ Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da UFBA. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. Membro do Grupo de pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida. Brasil. E-mail: telmaracouto@gmail.com

Autor correspondente: Normélia Maria Freire Diniz

Rua Magno Valente, 501, Apt. 502. CEP: 41810-620 – Salvador, BA, Brasil. E-mail: normeliadiniz@gmail.com

INTRODUÇÃO

O aborto representa um grave problema de saúde pública e de justiça social no Brasil, envolvendo questões legais, econômicas, sociais e psicológicas. No Brasil, em 2005, estima-se que ocorreram entre 729 mil e 1,25 milhões de abortamentos inseguros, realizados por pessoas sem as habilidades necessárias e/ou em um ambiente sem os mínimos requisitos médicos⁽¹⁾. Todavia, é importante atentar para a subnotificação dos casos.

As iniquidades sociais apresentam-se como justificativa para a realização do aborto por parte das mulheres⁽²⁾. Diante da grande amplitude do problema do abortamento, é necessária a implementação da “Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher – Plano de Ação 2004-2007”, cujo objetivo específico é promover a atenção obstétrica e neonatal qualificada e humanizada, inclusive a assistência ao abortamento em condições seguras, em uma demonstração de preocupação e reconhecimento da gravidade dos riscos associados ao abortamento provocado⁽³⁾.

Nota-se também a importância da implementação da “Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem” que, nos seus princípios e diretrizes, trazem o direito do homem de participar de todo o processo, da determinação de ter ou não ter filhos, passando pela deliberação de como e quando tê-los até o acompanhamento da gravidez⁽⁴⁾.

Estudos mostram que homens que compartilharam da experiência do aborto provocado se sentiram culpados pelo que ocorreu e arrependidos. Dessa forma, é mister reconhecer as suas necessidades e dimensionar a complexidade do significado do aborto⁽⁵⁾.

E, na condição de ser enfermeira(o), na posição de interagir com o outro se desvela a possibilidade do cuidar. Para isso, é preciso ouvir atentamente os seres humanos envolvidos no processo. E preciso também que, nas relações de cuidado da enfermagem, os profissionais estejam abertos a possibilidade de cuidar como uma atitude diante do outro no seu dia-a-dia⁽⁶⁾.

É frequente encontrar estudos e produções voltadas para a perspectiva feminina em relação à vivência do aborto provocado. Assim, este estudo teve como objetivo analisar a percepção de homens sobre aborto provocado.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, que teve como lócus uma maternidade pública de Salvador (BA). A amostra foi constituída por quatro companheiros de mulheres que provocaram aborto, que compareceram na maternidade no momento da alta de suas companheiras e aceitaram participar da pesquisa em janeiro de 2009.

A aproximação com os sujeitos se deu, inicialmente, por intermédio das mulheres, através do projeto de extensão “Acolhimento de Mulheres em Situação de Violência Doméstica e Aborto Provocado” que teve o objetivo de acolher mulheres em situação de violência doméstica e abortamento provocado, vinculando seu atendimento ao Centro de Referência Loreta Valadares – Prevenção e Atenção a Mulheres em Situação de Violência (CRLV). Por meio deste projeto, foi possível identificar as mulheres que provocaram aborto, o que possibilitou o contato com seus companheiros.

Foi utilizada como técnica de coleta de dados a entrevista gravada, acompanhada de um formulário contendo questões norteadoras, a saber: o que você sabe sobre o aborto provocado? Como você percebe/vê o aborto provocado? Fale da sua experiência com o aborto provocado de sua companheira.

Os dados oriundos das entrevistas foram organizados utilizando a temática de Bardin, e seguiram-se com as seguintes etapas: pré-análise, mediante exaustiva leitura; exploração do material que, consistiu na codificação, com o objetivo de alcançar o núcleo de compreensão do texto; recorte do mesmo em unidades de registro, e a etapa de classificação e de agregação dos dados, com a seleção de categorias que determinaram a especificação dos temas.

Foi levada em consideração a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, todos os participantes foram esclarecidos quanto à pesquisa e ao direito de desistir de participar e/ou anular o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que lhes foi fornecido e assinado. O anonimato foi preservado mediante a escolha de nomes fictícios para os sujeitos da pesquisa⁽⁷⁾. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia – CEPEE, UFBA, protocolo 008/2008, com folha de rosto SISNEP nº 189344.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os sujeitos se declararam pardos e pretos e quanto ao grau de escolaridade, eles disseram ter o ensino médio completo e fundamental incompleto. Já em relação ao estado civil, a predominância era de união consensual.

A análise da condição financeira evidenciou que todos os homens envolvidos no estudo trabalhavam, porém sem vínculo empregatício, e tinham uma renda mensal entre um e dois salários mínimos.

No que se refere aos resultados qualitativos, foram construídos três temas (Percepção sobre o aborto; Conhecimento sobre o aborto; A decisão e a realização do aborto).

Percepção sobre o aborto

Discutir sobre o aborto provocado implica diversas perspectivas e divergências quanto à legalização ou à sua proibição. Há aqueles que acreditam na autonomia da mulher sobre seu corpo, cabendo apenas a elas a decisão do que fazer com ele. Dentro dessa lógica, o Movimento Feminista tem grande atuação e luta por esse direito. Tal movimento procura dar visibilidade à atual situação do aborto provocado, em sua maioria praticada na ilegalidade, o que constitui uma violação dos direitos humanos das mulheres⁽⁸⁾. Em contrapartida, o movimento encontra resistência principalmente por parte da Igreja Católica, maior partidária da criminalização do aborto. Para a Igreja, abortar representa um crime grave aos olhos de Deus, um pecado sujeito à excomunhão daqueles que o praticam ou de quem ajuda na sua realização.

Essa concepção fica bastante clara na fala de um dos entrevistados, cujo crime se dá aos olhos de Deus, Aquele que vê e tenta entender o que aconteceu ou, quem sabe, possa oferecer o perdão: ... *Porque no meu caso meu mesmo, foi uma coisa que eu não queria* (o aborto). *Eu nunca fiz isso na vida, foi a primeira vez que aconteceu. E também tem aquela coisa da Bíblia, que declara que é um crime, entendeu? ... todos dizem que é um crime. Pra Deus mesmo é um crime tem na Bíblia, a pessoa que faz isso é um crime, ta matando um ser humano que vai vir ao mundo. ... É um pecado que a gente tá fazendo. Aquele lá de cima pra ver e entender, pra ver realmente o que a gente fez* (João).

Para a Igreja, desde a concepção já existe vida humana e abortar significa tirar precocemente essa vida. Ao colocar em discussão o conceito de vida entram em cena

aspectos que não se restringem apenas ao campo religioso, mas também ao campo jurídico. Essa contrapartida jurídica representa um importante avanço no sentido de romper com as concepções religiosas que por muito tempo ditaram a moral da sociedade brasileira. Essa ruptura se deu quando o governo brasileiro, na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento do Cairo, em 1994, apresentou uma posição favorável ao aborto no sentido de concebê-lo como um problema de saúde pública e não como um problema moral, como preconizava a Igreja Católica⁽⁹⁾.

Entretanto, esse marco jurídico ainda apresenta certas restrições referentes ao direito ao aborto, determinando os casos em que a prática é considerada legal. Ou seja, em casos de gravidez que ofereça risco de vida para a gestante e em gravidez resultante de estupro, casos em que o aborto pode ser realizado mediante autorização da gestante ou, se for incapaz, por seu representante legal, conforme artigo 126 do código penal⁽¹⁰⁾.

Foi possível identificar entre os participantes do estudo a percepção de que o aborto, pelas leis brasileiras, é considerado crime. *Acho que [o aborto] é um crime* (Pedro). *Aborto é crime. Se eu der remédio pra perder filho, eu vou preso ...* (José).

O discurso anterior mostra que o sujeito conhece o risco de ser preso ao ajudar na realização do aborto. Segundo a legislação brasileira, em caso de aborto provocado tanto aqueles que o provocam quanto os que ajudam são passíveis de ser presos, com uma pena de detenção que varia entre um e quatro anos⁽¹⁰⁾.

Mas houve quem afirmasse que o aborto é um crime que não é sujeito a penalizações, como se evidencia na fala abaixo: *Não é um crime que é de pegar cadeia. ... Ninguém sabe te dizer. Normalmente ninguém sabe de alguma coisa. A pessoa faz o aborto, faz em casa, acabou e pronto* (João).

A fala traz à tona um ponto importante de análise em relação à condição de clandestinidade em que o aborto se encontra: o entrevistado, ao dizer que quem o pratica faz em casa, escondido, sem ninguém saber, deixa claro que tudo é feito às ocultas, e como tal há dúvidas das condições a qual é realizado. São essas condições precárias de abortamento que colocam o aborto como a quarta causa de morte materna no Brasil⁽¹¹⁾. Nesse aspecto, as mulheres de baixa renda, na maioria negras, são as principais vítimas desse quadro, pois se submetem a um aborto inseguro, em condições precárias, sem as habilidades necessárias para tais procedimentos⁽⁸⁾.

Outro ponto importante de análise pode ser visto na fala seguinte: ... *nem dinheiro eu dei, nem dou* (José). É possível inferir certa ausência de envolvimento por parte do homem nesse processo. Ele acredita que esse é um assunto que não lhe diz respeito. Esse distanciamento é ressaltado na fala a seguir: *Aborto é papo de mulher* (José).

Pensar o lugar da mulher na geração de um filho é muito mais claro, já que a condição de geradora já lhe confere um lugar – a de mãe, geradora, cuidadora, aquela que sente as transformações no corpo e é nesse corpo que se encontra o novo ser. Para os homens, essa relação não se dá, pois no momento da gravidez o homem não passa de um observador passivo. Essa condição confere ao homem certo distanciamento da situação, o que conduz a uma desimplicação desse assim chamado “momento da mulher” como forma de garantir assim a privacidade da mesma⁽¹²⁾. Esse distanciamento do homem, percebido durante o período gestacional, pode ser conferido pela cultura, que responsabiliza a mulher pelo ser que se forma.

Levando em conta essas condições determinadas por tipos de vivências características do masculino e feminino, a paternidade para o homem terá uma função diferenciada na construção de um modelo de identidade. Ser homem e ser pai definem de que forma eles vão se inserir socialmente, compondo comportamentos padrões a serem seguidos pelos homens. A paternidade é percebida como mais uma etapa de vida a ser cumprida, de forma a reafirmar sua virilidade e constatar sua identidade sexual⁽¹³⁾. Colocar o aborto como coisa de mulher e se manter distante desse processo reafirma os papéis sociais de gênero, em que o masculino se mantém no espaço público do poder e do provedor e as mulheres ficam responsáveis pela procriação e pelos deveres do lar.

Conhecimento sobre como provocar o aborto

Os discursos dos sujeitos nos mostram que eles conhecem o uso de medicamentos para abortar. O Cytotec®, medicamento usado pela medicina na prevenção e tratamento de úlceras gástricas, e que promove contrações uterinas, passou a ser utilizado pelo domínio popular nessa prática. ... *Tem muito tipo de aborto. Tem comprimido e tem de ferro. De ferro é quando a pessoa toma comprimido e não desce* (João). *O que todo mundo sabe é o Cytotec* (Pedro).

Os entrevistados dizem desconhecer a forma de ação do Cytotec® e as reações por ele provocadas. Em

estudo realizado com rapazes adolescentes que se depararam com uma gravidez indesejada, estes disseram desconhecer os métodos utilizados por suas companheiras⁽¹⁴⁾, e, portanto, também o processo. É possível questionar como, desde cedo, posições de distanciamento e desconhecimento são assumidas pelos homens. Tais posições se perpetuam na vida adulta, porque desde cedo eles acreditam que esse é um assunto que não lhes diz respeito. Entretanto, o conhecimento do processo em si não é suficiente, pois eles não conhecem as consequências disso nem os riscos para a saúde da mulher.

Além do uso do misoprostol/Cytotec®, eles mostraram conhecer outros meios utilizados, igualmente atrelados ao saber médico, a saber, aqueles que se utilizam de meios cirúrgicos para a extração do feto. São os chamados “ferros” e “máquinas”, com mais frequência usados em clínicas clandestinas que realizam procedimentos para o aborto. *Máquinas que dilaceram o menino ... e esse através desse comprimido que nós usamos no caso. ... Eu conversei com uma amiga minha que me indicou. Ela falou que aquele comprimido (o Cytotec) é usado pra úlcera e que provoca contrações e faz abortar* (Paulo).

Em contrapartida, existe um conhecimento mais popular, relacionado com o uso de chás que possuem a mesma finalidade. *Eu vejo elas (as mulheres) comentar. ... você sabe que o que mais esse pessoal sabe da periferia, as mais antigas é qual folha, e mistura folha de não sei o quê com não sei o quê e bota no sereno, não sei aonde. Eu ouço falar.* (José). É importante destacar que o conhecimento a respeito dos chás, citado na fala anterior, está ligado à cultura passada pelas mulheres. Tal conhecimento, de origem popular, é, ainda hoje, utilizado pelas mulheres que procuram o serviço público, porém usado em menor frequência do que o misoprostol/Cytotec®⁽²⁾.

Porém, apesar do conhecimento diferenciado entre os participantes, todos relataram o uso de Cytotec® como método eleito para a realização do aborto, evidenciando que as formas de conhecimento, mesmo sendo divergentes, não implicam na procura por outro método, pois a eficácia do Cytotec® já é bem difundida entre as diferentes classes sociais.

A venda desse medicamento no comércio ilegal contribui também para a facilidade na aquisição de tal medicamento, possibilitando o acesso das pessoas com mais facilidade à sua compra, podendo correr o risco de adquirir medicação contrabandeada e falsificada, estimulando ainda mais a rede da ilegalidade⁽¹⁵⁾.

Em relação a preocupação da Igreja Católica com a preservação da vida, esta defende através das suas campanhas a ideia de que o aborto provocado está infligindo este princípio. *Sobre o aborto provocado eu sei poucas coisas. ... Na verdade meu conhecimento é muito vago. Mas eu vi um documentário sobre abortos provocados. Na época eu trabalhava pra Igreja Católica. Foi um documentário totalmente contra o aborto. ... O aborto do vídeo é um aborto muito brutal. É com máquinas, que cortava a criança, já tava num período de maior gravidez* (Paulo).

A preocupação da igreja católica em defesa da vida humana é expressa nas campanhas, onde abordam à dignidade da pessoa, à contracepção e o direito do nascituro, ou seja, contra o aborto; esta preocupação esta expressa principalmente na campanha da fraternidade de 2008, que enfoca questões sobre o aborto e a eutanásia⁽¹⁶⁾.

A decisão e a realização do aborto

Em uma perspectiva de gênero, é possível identificar socialmente certos papéis que são atribuídos distintamente a homens e a mulheres. A mulher é a geradora, assumindo um papel devido a sua condição biológica, é aquela que tem como função cuidar dos filhos, do marido e do lar. Sendo, pois a concepção uma responsabilidade da mulher, a decisão de interrompê-la ou não recai unicamente sobre ela. Essa deliberação é algo solitária, porque, excetuando-se mulheres que formam sua rede de apoio⁽²⁾, a mulher só pode contar com ela mesma. *Quem participou (do aborto) foi a irmã dela e só* (José).

O homem não tem absolutamente nenhuma participação. Vejamos a fala a seguir: *... foi ela quem tomou a decisão, contra a minha. Ela achou que poderia fazer, achou e pronto, foi e fez. Eu não me intrometi em nada. Eu apenas só soube que ela fez* (João).

No caso desse entrevistado, ele se mostrou contra a decisão, mas não fez nada para impedi-la. Desvinculou-se de todo o processo, não se envolvendo, como se nessa decisão ele não tivesse responsabilidade.

Além de não participar da decisão, o companheiro se mantém ausente durante todo o processo, confirmando a afirmativa de que a mulher, quando decide abortar, o faz sozinha. *... não tenho idéia [como é o processo de aborto] porque nem tava lá pra ver. ... Apenas a pessoa me indicou como é lá que deveria ser feito, eu passei pra ela e ela fez do jeito que a pessoa falou* (João).

Do momento em que a mulher decide abortar até o aborto em si, a mulher está sozinha, entrando em jogo

sentimentos como coragem, culpa e tristeza. A mulher precisa de coragem para decidir e hesita em fazer ou não⁽²⁾. Tudo isso vem acompanhado de muito sofrimento, pois ela se sente uma criminosa.

O fato de o homem se eximir de todo o processo é também uma forma de se isentar de futuras penalizações se porventura algo acontecer à mulher. Reforça a idéia exposta anteriormente, a saber, que a responsabilidade pela decisão é apenas da mulher. *... se acontecesse alguma coisa com ela, quem ia responder? Se ela tivesse sozinha ela ia responder que fez sozinha. E se ela tivesse comigo? Ia ser problema* (José).

O homem se depara, no entanto, com sentimentos que o envolvem pela participação, ainda que indireta, no processo de aborto. Eles caracterizam o aborto de forma negativa. É o que podemos observar na seguinte fala: *Ah, a experiência do aborto. A nível emocional é uma experiência bastante negativa. Pelo menos pra mim. Porque eu já tenho dois filhos. Então eu sempre penso que poderia ser um desses filhos meus que eu já tenho hoje. E eu penso que eu poderia tá fazendo com eles também. É uma experiência não muito agradável. Um sentimento de tristeza mesmo. De ingratidão também pelo fato de eu não querer ter um filho, tantas pessoas que não conseguem. É uma coisa que não é fácil. Não está sendo fácil. Eu acho que nem pra mim, nem pra minha esposa* (Paulo).

Aqui fica claro o quanto é difícil lidar com semelhante situação, e que quanto mais os homens se envolvem com questões referentes à paternidade, mais abertos e sensíveis eles são aos sentimentos das mulheres⁽¹⁷⁾.

Para ele, quanto menor o período de gestação, menos doloroso será o processo para o casal. *... O tipo de aborto que foi provocado por minha esposa. Eu procurei fazer uma coisa mais leve. Nós fizemos logo no início porque envolve um sentimento também né. Pra mim, pra ela, não é uma coisa muito fácil de se fazer* (Paulo).

Ele se refere ao uso do Cytotec®, que, como já foi dito, representou um grande avanço nos processos de abortamento em comparação com os que eram realizados, já que, com essa medicação, é possível expelir totalmente o feto sem trazer maiores complicações para a mulher. O procedimento é o mesmo que é usado em unidades de saúde com os mesmos fins, porém em outros casos de ocorrências de abortos⁽¹⁵⁾.

A decisão pelo aborto faz surgir no homem sentimentos ambivalentes, que vão de constrangimento, culpa, preocupação, tristeza, a alívio. Estes sentimentos são equivalentes aos das mulheres. *... Eu não queria entendeu? Quer dizer, eu queria e não queria ao mesmo tempo... É um pe-*

cado que a gente tá fazendo... É uma experiência que não quero passar mais nunca na minha vida. ... Você vai tirar a vida de um ser humano. Eu não sei explicar como na hora eu me senti... É muito constrangedor. Eu fiquei constrangido porque eu não queria fazer isso (o aborto). Não queria comprar... Não queria falar com ninguém. ... Você tem que correr atrás por uma coisa que você realmente não queria (João).

A ambivalência se traduz numa questão moral, por mais que ele quisesse o aborto, por acreditar que fosse melhor para o casal e para a vida deles, existe o constrangimento moral relacionado com o pecado por estar tirando uma vida. A transgressão das leis morais desencadeia conflitos, ambivalência e culpa, pois o conflito moral exige despertar e reorganizar a consciência⁽¹⁸⁾.

A fala a seguir deixa claro o sentimento de alívio decorrente do aborto, mas ainda traz à tona a culpa pelo ato de tirar uma vida. *Tô mais aliviado ... Por saber que ela está bem, mas um pouquinho também continua com aquele sentimento que a gente fica pelo que aconteceu, por causa também daquela vida (Pedro).*

Mesmo que se isentem da responsabilidade de decidir, como já foi discutido, alguns entrevistados acreditam que poderiam ter impedido as mulheres de fazer o aborto e se sentem culpados por não terem feito algo. *No começo eu me senti mal, pela situação que passou e por saber que ela está aqui (na maternidade) também né! Correndo risco, querendo ou não ela corre né? Então eu me senti mal e com um pouquinho de culpa também por ter deixado isso acontecer. Espero Deus que isso nunca mais aconteça (Pedro). ... Ela pode tomar um remédio (o Cytotec) desse, tomar demais e acabar tendo alguma coisa, e aí? Eu vou me sentir o que? Culpado! Porque eu poderia ter impedido ela (José).*

É possível notar que certas características de gênero influem nesses sentimentos. Por mais que os homens não tenham papel ativo na decisão de abortar, diante do aborto já realizado e de todos os sentimentos aí envolvidos vem à tona uma gama de imposições sociais que exige que os homens cumpram o papel de amparar as mulheres. Porém, nem sempre eles conseguem lidar com essas imposições. E os sentimentos advindos daí são ambivalentes — embora aliviados por não ter mais que lidar com o problema e por não terem sido os detentores da decisão, eles se sentem culpados porque se mostraram passivos diante da decisão da mulher de fazer o aborto, por eles considerado crime⁽⁵⁾.

A fala a seguir confirma mais uma vez essa perspectiva dos diferentes papéis sociais exercidos pelo ho-

mem e pela mulher: *Ó, eu acho que não foi bom, outra hora acho que foi boa [sobre a decisão de abortar]. Eu fico muito indeciso sabe por quê? Põe em risco a vida dela, se ela chegar a ter alguma coisa, duas filhas que ela tem, como é que fica? Eu vou ter que criar né? ... Imagine se acontecesse alguma coisa com ela. E eu também vivo desempregado (José).*

Ou seja, supondo que a mulher morra devido ao aborto, ele terá que assumir uma posição antes ocupada pela mãe das crianças, e o papel que lhe cabe socialmente fica ameaçado. O modelo hegemônico social estabelece que marcas identitárias que caracterizam o homem enquanto tal incluam a noção de provedor, isto é, aquele que procura o trabalho para sustentar a família, e de cuidador, ou seja, de protetor da família⁽¹⁹⁾. Assim, uma vez só, tendo que criar sozinho os filhos, esse lugar social fica ameaçado, pois ele terá que ocupar, concomitantemente, a posição da “mãe”, aquela que desempenha a função da “maternagem”. Seus sentimentos com relação ao aborto são ambivalentes: por um lado, alívio por não ter um filho que não teria condições de criar; e por outro, de culpa, ao pensar nas consequências que poderiam advir dessa decisão.

O julgamento da família é um fator que também contribui para o surgimento de sentimentos de pesar nos homens. *Na hora mesmo a gente fica assim... deixa ou não deixa, fica pensando como minha mãe vai se sair, como meu pai vai se sair, essas coisas toda. Então é complicado (João). Ainda tem a família dela... Tanto os parentes dela como os meus... Fica... você ainda ajudou ela... Que besteira é essa?... Eu prefiro não tá envolvido em nada disso (José).*

As falas ressaltam o silêncio do aborto, que não é compartilhado nem mesmo com os membros da família, confirmando a percepção de que aborto é crime, e, conseqüentemente, deve continuar na clandestinidade.

Há relatos que colocam que a decisão de abortar é dolorosa, porém necessária: *O aborto provocado é uma coisa que eu não pretendo fazer mais porque realmente é uma coisa muito dolorosa, tanto pra mim, tanto pra minha mulher. Eu tenho uma visão muito negativa. Eu não aconselho ninguém a fazer. Mas, por outro lado, eu acho que pode ser também de um lado positivo. O lado positivo da coisa é que a gente tá agindo racionalmente (Paulo).*

Agir racionalmente para ele é ter consciência da responsabilidade que é colocar um filho no mundo em certas circunstâncias, principalmente no que diz respeito ao aspecto financeiro. Os participantes citaram o fator financeiro como tendo grande importância na tomada

de decisão de abortar. Eles aludiram à situação de desemprego em que se encontram as companheiras como fator importante para a decisão delas de abortar: *Ela tá pra arranjar um trabalho, ela também ficou naquela, entendeu? Se fosse realmente de chamar como ia se sair? ... Como é que ia acontecer se ela tivesse que trabalhar? Tudo isso. Ela tá fazendo uma entrevista, mas não sabia se ia ser chamada... Ela até hoje tá aguardando... Se chamar, como é que ia ser? Foi por isso também que eu dei meu apoio (João) ... Ficou por julgo dela [a decisão de abortar], ela tava desempregada (José).*

Nos dias atuais, se exige das mulheres, que ocupem certas posições anteriormente atreladas à figura masculina, como, por exemplo, a de profissionais, na busca por uma carreira e pelo sustento da casa, além daquelas tradicionais, do cuidado com a casa e os filhos⁽²⁰⁾. Dessa forma, as mulheres que optam pelo aborto passam por conflitos que vão de questões culturais enraizadas a preocupações com exigências do mundo atual, relativas ao campo profissional.

Os homens também vêem na chegada de um filho um impedimento para essas realizações e responsabilidades exigidas pelo mundo atual, que não excluem mais as mulheres, antes as colocam como participativas.

Na fala de Paulo, observamos bem essa exigência do mundo atual: segundo ele, a mulher não deve depender financeiramente do homem, e para que isso seja possível é necessário que estude, trabalhe, para assim poder sustentar um filho: *... Eu acho que com vinte anos não é uma idade adequada pra se ter filho ainda. Principalmente quando você precisa desenvolver seu lado intelectual, precisa estudar, fazer uma universidade, precisa arrumar trabalho ...Primeiro estuda, arruma um trabalho e depois tem filho. Eu não quero uma mulher que dependa só de mim. ... Eu acho que a mulher tem que ser independente (Paulo).*

É importante observar que, contrariamente aos outros sujeitos que atribuíram à mulher a responsabilidade pela decisão de abortar, na fala anterior o companheiro se apresenta como sujeito ativo no processo decisório, assumindo sua responsabilidade e apresentando os motivos para essa decisão.

Em geral, na decisão pelo aborto o homem não participa desse processo, comumente é uma irmã ou algum amigo que é consultado. Na fala de Paulo, a justificativa para o aborto não se baseia apenas na situação de dependência da sua esposa, mas também na dificuldade financeira em que se encontram. A seguir ele confirma o que disseram os outros participantes, pois se considera

impossibilitado de ocupar um lugar que lhe é socialmente imposto, o de provedor, aquele que precisa pensar em um sustento para a família ... *Devido à realidade da vida, dentro do meu ponto de vista eu realmente considero que é muita responsabilidade colocar uma criança no mundo. Então, eu realmente preferi esperar um pouco mais. Principalmente por estar passando por algumas dificuldades financeiras ... Criança é muita responsabilidade (Paulo). Por causa das condições financeiras e outras coisas ... Foi um momento que a gente não tava com possibilidade de condição ... Pela condição que a gente tem, ter uma criança hoje é difícil. É muito difícil. Ainda mais o mundo que a gente tá também? ... Eu falo na condição de criar, sabe como é, educar, trabalho (Pedro).*

Geralmente os homens consideram que as questões referentes à gravidez e aborto não lhes dizem respeito, portanto preferem se manter à margem destas situações, e permanecem condenando à prática do aborto⁽²¹⁾.

As justificativas mais citadas pelas mulheres para a realização do aborto são pobreza, medo de ser abandonada pelo companheiro, rejeição da família e violência doméstica⁽²⁾. Para os homens, como podemos observar nas falas dos participantes, o aspecto financeiro é a grande justificativa a embasar a decisão de abortar.

A fala a seguir não se restringe apenas aos aspectos financeiros, mas também a aspectos da relação entre marido e esposa e a questões da juventude: *... Ninguém que tiver bem de vida, vamos dizer assim, esposa trabalhando, mulher trabalhando, que tiver um lar, jamais ninguém vai fazer um aborto. E quem não tem nada, que mora de aluguel, o relacionamento amoroso não tá bem, vai ter filho pro filho ficar aí? Por que, vamos se dizer. Eu sou mulher, eu não tô bem com meu marido ou meu marido tá sem trabalhar, tá vivendo naquele tempo apertado, pra que vai ter mais filho? ... Ou porque tá nova. Vou ter filho agora e vou perder a mocidade ... Tá precisando estudar ... Tem muita menina aí que não se previne de tomar remédio, usar camisinha, quando engravida só pensa em quê? ... Vou perder a mocidade toda, aí pronto, acaba tomando o remédio (José).*

Por fim, analisar questões referentes ao aborto provocado no Brasil envolve valores diversos: religiosos, morais, culturais, familiares, de gênero, em resumo, as mais variadas formas de se conceber a problemática e lançar olhares diferenciados. Dessa forma, o aborto provocado se apresenta enquanto fenômeno multidisciplinar e multifacetado, sendo possível eleger diferentes formas de se analisar o fenômeno, sem, porém, perder de vista que se trata de uma problemática que envolve sujeitos, cada um deles dotados de uma subjetividade própria,

que lhe confere um estar no mundo e formas diferenciadas de lidar com as relações que estabelece com o mesmo e com as adversidades que encontra ao longo da vida.

Portanto, ao pensar em um acolhimento no processo de abortamento faz-se necessário inserir todos os atores, pois é preciso ressaltar a importância da humanização dos serviços que vai além da estrutura física e organizacional, esta perpassa pela mudança na relação dos profissionais com sua clientela, compreendida como humanitárias⁽²²⁾. Assim, a busca constante do aperfeiçoamento das relações sociais visa a melhoria da assistência na perspectiva de mudança nas relações humanas nas diversas situações⁽²³⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo é de suma importância, pois contribui para o enriquecimento de uma área do conhecimento ainda pouco explorada quando comparada à vasta produção de gênero com enfoque no feminino. Tratar a questão do masculino nas relações com a sexualidade e reprodução é poder contrapor a perspectiva feminina e repensar o lugar de ambos, homens e mulheres, nos mais diversos espaços que se configuram como disseminadores de papéis de gênero.

Pensar a perspectiva masculina no aborto provocado e a percepção dos homens a respeito dessa vivência traz à cena uma figura que por muito tempo permaneceu esquecida. Esse estudo possibilitou que o enfoque saísse um pouco das mulheres e se voltasse para seus companheiros, para a forma como eles vivenciam essa experiência. Foi possível, dessa forma, trazer à baila questões que até então eram relegadas a segundo plano nesse cenário.

No estudo, fica evidente que os homens consideram o aborto provocado como crime e pecado, arraigados na legislação brasileira e no pensamento religioso. É assim, por exemplo, que os sujeitos revelam o risco de ser presos ao ajudar as mulheres a realizar o aborto. Eles acreditam também que a clandestinidade permite que este não seja penalizado.

Os sujeitos justificam a realização do aborto com base nas questões econômicas. Eles dizem desconhecer as consequências do aborto provocado para a saúde da mulher: contudo, têm conhecimento dos métodos utilizados para abortar, com destaque para o Cytotec®, por sua eficácia no processo de aborto e pela facilidade na aquisição do mesmo. Contudo, mesmo considerando que

o aborto é assunto de mulher, os participantes trouxeram à tona aspectos importantes relacionados com os sentimentos envolvidos nessa experiência, principalmente o sentimento de culpa, ligado ao desenvolvimento moral e internalizado por padrões sociais e responsabilidade pessoal.

Não devemos nos esquecer de levar em consideração sentimentos relevantes explicitados pelos participantes do estudo. Um suporte psicológico para esses homens é tão importante quanto para as mulheres que sofreram todo o processo de abortamento. Para os homens, esse acompanhamento seria relevante no sentido de pôr em questão, certas posições que lhes são impostas socialmente, tais como, por exemplo, a forma que eles têm de se impor enquanto homens, viris, “machos”.

Diante das vivências, dos sentimentos, das percepções e dos conhecimentos dos homens com relação à temática do aborto provocado, fica evidente a importância desses atores. É necessário que se volte o olhar para eles, no sentido de avaliar quais são os papéis que estão ocupando, qual a sua contribuição e a sua participação nesse processo. É preciso, desse modo, fazer com que a paternidade seja exercida de forma mais interativa, uma paternidade responsável: é fundamental que ele divida com a mulher os cuidados com os filhos e o sustento econômico da casa.

No âmbito das políticas públicas, recomenda-se, portanto, a implementação dos aspectos da saúde reprodutiva para homens e mulheres, no sentido de uma participação compartilhada.

REFERÊNCIAS

1. Adesse L, Monteiro MFG, Levin J. Grave problema de saúde pública e justiça social: Panorama do Aborto no Brasil. RADIS [periódico na Internet]. 2008 [citado 2009 ago 11]; 66(11): [cerca de 10p.]. Disponível em: <http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/66/capa.html>
2. Pérez BAG. Aborto provocado: representações sociais de mulheres [dissertação]. Salvador (BA): Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia; 2006.
3. Ministério da Saúde (BR). Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Plano de Ação 2004-2007. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2004.
4. Ministério da Saúde (BR). Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Atenção

- Integral à Saúde do Homem – Princípios e Diretrizes. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2008.
5. Rodrigues MML, Hoga LAK. Aborto espontâneo e provocado: sentimentos vivenciados pelos homens. *Rev Bras Enferm.* 2006; 59(1):14-9.
 6. Couto TM. O cotidiano e o imaginário de mulheres que provocaram aborto num contexto de violência doméstica: contribuições para um cuidar em enfermagem e saúde [tese]. Salvador (BA): Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia; 2010.
 7. Conselho Nacional de Saúde (BR). Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética.* 1996; 4(2 supl.):15-25.
 8. Simonetti C, Souza L, Araújo MJO. Dossiê a realidade do aborto inseguro na Bahia: a ilegalidade da prática e seus efeitos na saúde das mulheres em Salvador e Feira de Santana. Salvador: IMAIS; 2008.
 9. Ramírez-Gálvez MC. Os impasses do corpo: ausências e preeminências de homens e mulheres no caso do aborto provocado [dissertação]. Campinas (SP): Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas; 1999.
 10. Brasil. Código Penal. Decreto-lei n. 2848, de 7 de dezembro de 1940 [Internet]. [citado 2009 ago 11]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del2848compilado.htm>.
 11. Oliveira F. Ser negro no Brasil: alcances e limites. *Estud Av.* 2004; 18(50):57-60.
 12. Freitas WMF, Coelho EAC, Silva ATMC. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad Saúde Pública.* 2007; 23(1):137-45.
 13. Nolasco S. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco; 1995.
 14. Perez SO, Heilborn ML. Cogitação e prática do aborto entre jovens em contexto de interdição legal: o avesso da gravidez na adolescência. *Cad Saúde Pública.* 2006; 22(7):1411-20.
 15. Gesteira SMA. Assistência prestada à mulher em processo de aborto provocado: o discurso das mulheres e das profissionais de enfermagem [tese]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2006.
 16. Luna N. Aborto e células-tronco embrionárias na campanha da fraternidade: ciência e ética no ensino da Igreja. *Rev Bras Ciênc. Soc.* [periódico na internet]. 2010 [citado 2011 fev 10]; 25(74):91-105. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000300006.
 17. Duarte GA, Alvarenga AT, Osis MJMD, Faúndes A, Hardy E. Perspectiva masculina acerca do aborto provocado. *Rev Saúde Pública.* 2002; 36(3):271-7.
 18. Benute GRG, Nomura RMY, Lucia MCS, Zugaib M. Interrupção da gestação após o diagnóstico de malformação fetal letal: aspectos emocionais. *Rev Bras Ginecol Obstet.* 2006; 28(1):10-7.
 19. Nascimento EF, Gomes R. Marcas identitárias masculinas e a saúde de homens jovens. *Cad Saúde Pública.* 2008; 24(7):1556-64.
 20. Benute GRG, Nomura RMY, Pereira PP, Lucia MCS, Zugaib M. Abortamento espontâneo e provocado: ansiedade, depressão e culpa. *Rev Assoc Med Bras.* 2009; 55(3):322-7.
 21. Pinto EA. Aborto numa perspectiva étnica e de gênero: o olhar masculino. In: Arilha M, Unbehaum SG, Medrado B. Homens e masculinidade: outras palavras. São Paulo: ECOS/ED. 34; 1998.
 22. Carvalho AYC, Ximenes LB, Fontenele FC, Dodt RCM. Perfil sociodemográfico e reprodutivo de adolescentes grávidas acompanhadas na unidade básica de saúde do município de Canindé. *Rev Rene.* 2009; 10(1):53-61.
 23. Costa ES, Pinon GMB, Costa TS, Santos RCA, Nóbrega AR, Souza LB. Alterações fisiológicas na percepção de mulheres durante a gestação. *Rev Rene.* 2010; 11(2):86-93.

Recebido: 04/11/2010

Aceito: 11/03/2011